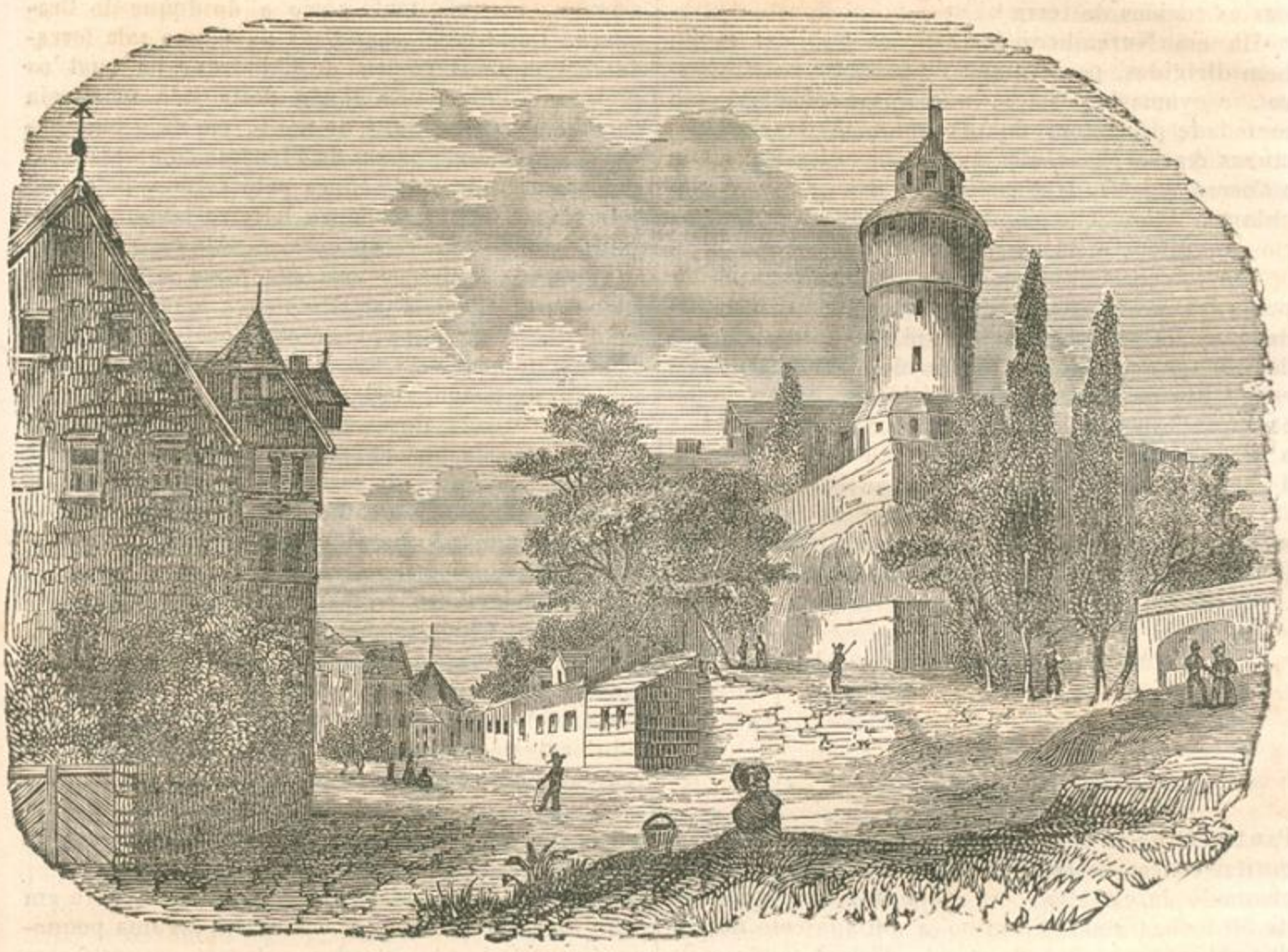

CASTELLO DE NUREMBERG.

A CIDADE de Nuremberg, [ou Nurnberg], hoje pertencente á Baviera, está muito decahida de sua antiga opulencia e consideração commercial; não obstante isso ainda mantem diversas manufacturas, e na sua feira annual se faz bastante negocio. Foi das mais florecentes entre as cidades da liga hanseatica (*), e entrou em o numero das mais ricas das que tinham o nome de livres e imperiaes: teve a gloria de ser residencia de imperadores, assento de dietas; porem a sua maior fortuna não estava em titulos de nobreza, mas no grandissimo commercio que fazia, recebendo da Italia e enviando para o norte da Europa os preciosos generos da India, antes de ter Vasco da Gama dobrado o Cabo da Boa-Esperança. A nossa atrevida descoberta do novo caminho para o Oriente não só rebaixou a grandeza de Veneza e Genova e de quantos negociantes transportavam pelo Levante ou por Africa as drogas e especiarias, mas foi consequentemente anniquilar os mercados, que por via destes se abasteciam e serviam de depositos para mais distantes portos. Tal foi uma das causas originarias da declinação de Nuremberg, a que os politicos ajuntarão a applicação que todos os estados da Europa entraram logo a prestar ao commercio, as assolações da guerra dos trinta annos, as desavenças entre a aristocracia e os burguezes da cidade, e o peso dos juros da divida publica. — Encravada está hoje n'um reino allemão; e assim mesmo alimenta-se de muitos ramos d'industria que sustenta, expedindo para muitas partes os seus productos. Deixaremos de os mencionar, porque o fizemos a pag. 25 do 2.° vol. dando o conspecto, ou, se é licito dizer assim, um perfil da cidade.

Nuremberg é como as damas velhas, que conservam muitos attractivos da mocidade e não são inteiramente abandonadas das visitas: é quasi milagrosa, em meio de guerras e dissensões, a preservação de seus antigos e mui ricos monumentos, mormente igrejas dedicadas a varios cultos; e por isso os amantes da architectura da idade media e em geral das Boas-Artes frequentam e estudam os edificios desta cidade, em que tanto ellas floreceram e tambem os officios mechanicos, no gráu d'aperfeiçoamento compativel com essas eras, e n'alguns objectos assombroso até para a nossa idade. Vogou nesse tempo um proverbio que dizia — de Nuremberg a mão chega a toda a região — subentendendo a extracção e acabamento de seus artefactos.

O castello de Nuremberg está dentro da cidade na maior eminencia e mais ao norte: é de antiguidade mui remota, e alguns lhe assignam a data da fundação no seculo decimo e por Conrado 1.°; sua guarda foi confiada na idade media aos burggraves [de *burg*, cidade, e *graf*, conde], antepassados da casa de Hohenzollern: seja como fór, esta cidadella que no exterior não tem tido accrescentes modernos é um specimen excellente do antigo estilo de fortificação: está sobre uma rocha de granito vermelho, tal como não se encontra por toda a redondeza daquella comarca, e por isso a explicação mais facil deste phenomeno é a da plebe da terra, que se capacita que fraguedo e castello foram das ribanceiras do Rheno mais proximas trazidos para alli, n'uma noite, por um magico mui celebre nas

(*) Vide o que fôra a liga hanseatica a pag. 349 do vol. 2.°

girias nigromanticas. Tão credulo é o povo em todas as regiões da terra!

Ha em Nuremberg instituições publicas muito bem dirigidas, por exemplo, o instituto polytechnico, o gymnasio d'artes, numerosas escholas, e a sociedade promotora do adiantamento das manufacturas &c. — Notaremos que o periodico intitulado *o Correspondente de Nuremberg* é dos que mais circulam a Allemanha: houve tempo que o proprietario, o editor, o impressor, eram mulheres.

Concluiremos mencionando as datas dos mais importantes inventos attribuidos a naturaes desta cidade. — Os primeiros relogios d'algibeira, chamados no seu apparecimento *ovos* de Nuremberg, foram feitos por Pedro Hele em 1500; os fechos da espingarda por pessoa de nome ignorado em 1517; a espingarda de ar ou vento por Lubzinger em 1560; o clarinette, instrumento musico, por Christovão Denner em 1690; a machina de tirar fio de metal, por um certo Rodolpho em 1360; a liga do bronze, por Erasmo Ebner em 1550.

Archeologia portugueza (*).

V.

1571 — 2.

O paço de D. Sebastião. — A côrte.

Partindo da sé o legado com o cardeal infante e muitas outras pessoas foi apear-se ao dito palacio, chamado do castello, era sol posto. Acompanhado de 50 tochas conduziram-no a um aposento no andar nobre, por cima do quarto d'elrei, onde ceou só, e os prelados e gentis-homens de seu serviço em publico, n'uma sala, e em outra maior os gentis-homens dos prelados. Assim os mais creados cada um segundo a sua jerarchia e classe.

As mesas não eram tão bem ordenadas, lautas e abundantes como em Madrid, porque os portuguezes não teem habito de banquetear-se. Conhecia-se-lhes a boa vontade com que davam tudo, e que eram abastados de peças de ouro e de prata, e servidos por muitos creados; mas as comidas eram mais grosseiras que delicadas; os vinhos fortes; a fructa pouco singular. Quanto ao pão e carne, eram optimos.

O palacio do castello, todo por fóra de cantaria, assim como não tem fórma alguma d'architectura por ter sido feito aos poucos em diversas epochas, tambem por dentro é mais commodo que vistoso. Sobe-se por uma grande escada a um atrio que gira em volta, e que dá entrada para diversas quadras, ficando á mão esquerda da entrada uma porta que dá para outra escada ingreme e estreita, pela qual se sobe a alguns quartos bem ornados, nos quaes se alojaram varios prelados. Tomando por outra escada subimos a uma varanda que dá passagem para as camaras d'elrei, por cima das quaes fica uma grande sala, que tem 48 passos de comprido e 18 de largo, dividida em naves com um tecto pintado de brutescos, e forrada toda de bellas razes de Flandres, e de lhama d'ouro. Seguia-se um quarto feito a modo d'escada, por ser em degráus, onde os gentis-homens dos prelados comiam. O tecto deste quarto era feito á maneira de pinha e de muito máu gosto. Daqui subia outra escadinha de madeira para um aposento, ao lado do qual ficava outro onde estavam os aparadores com a copa, assaz copiosa de peças d'ouro e prata, mas não tanto como a do duque de Bragança. Desta casa se passava para uma sala forrada dos mesmos pannos de Flandres, na qual os prelados comiam. No fundo desta sala se descia para uma varanda feita de novo, em cujo topo havia um bellissimo panno de Flandres com uma imagem da virtude que segura pelo collo e pelos cabellos uma fortuna com seu letreiro latino que significa = *não sabe escapar, nem póde fugir a fortuna, quando a virtude com sua força a retem.* Do meio desta varanda se desce para uma sala forrada de lhama de ouro, com seu docel de brocado, debaixo do qual está um estrado com tres degráus, coberto de panno verde. Daqui se entra em uma camera, ornada do mesmo modo, onde está um grande leito de brocado d'ouro, com travesseiro e duas almofadinhas de razo [setim] cramezim ricamente bordados d'ouro. Fica immediata outra, onde estava um leito para dormir o legado, cuja armação era de finissimos razes de seda e de ouro, com bem lavradas figuras poeticas, e franjas subtilissimas. Havia tambem ahi uma mesa pequena, de couro preto da India mais bello que o ebano, todo lavrado ao redor de folhagens d'ouro. Ao pé desta camera estava um oratorio, armado de razes similhantes aos da camera, com a differença de serem as figuras ao devoto. . . . . , ... Destas cameras sahe-se por uma porta secreta para um terrado d'onde se descobre uma extensa vista, tanto de mar como de terra.

Os quartos d'elrei ficam por baixo destes e em tudo lhes são similhantes, salvo em alguma pequena diversidade nos estrados e doceis, e em serem bordados os pannos de raz com historias do Testamento Velho, e ao mesmo tempo com quantas ficções teem inventado os poetas. Havia ahi alguns que valiam bem dois mil escudos.

. . . . . .

Na quarta feira seguinte foi o legado visitar elrei, o qual veio encontrar-se com elle ao meio da sala grande, acompanhado de muitos cavalleiros, e vestido singelamente, todo de panno preto. Tirou o legado o barrete primeiramente, e depois tirou elrei o seu, mas tornou-o a pôr logo, tendo-o o legado ainda na mão; e sem dizer palavra, tomando a direita ao legado, se encaminhou para o seu quarto, sem fazer a menor ceremonia ao passar as portas, entrando primeiro que elle na camera, onde só havia uma cadeira. Ordenou então elrei que viesse outra, mas antes que ella chegasse, ou por inadvertencia, ou por altiveza assentou-se debaixo do docel, e o legado defronte delle na que trouxeram, que era de velludo. Tendo fallado obra de uma hora, o legado tornou a descobrir-se, fazendo elrei apenas signal disso, e acompanhando-o só até á porta do aposento, onde parou, com o barrete na cabeça, em quanto os prelados lhe faziam suas cortezias, pondo o joelho em terra, e retirou-se depois.

O legado jantou nesse dia em publico, mas só á mesa, na sala do docel, n'um estrado de cinco degráus, assentado em uma cadeira de velludo cramezim, franjada de ouro, assistindo-lhe os prelados, e grande numero de fidalgos portuguezes. Ao mesmo tempo jantava elrei tambem em publico, e só á mesa, na sua sala principal debaixo do docel, em estrado levantado, e assentado em cadeira de brocado d'ouro. Quatro padres jesuitas benzeram a mesa, e depois deram graças. O serviço era

(*) Continuado de pag. 211 deste vol.

d'ouro: dez os creados que serviam, não mais. As comidas poucas, mal temperadas e grosseiras. Sobre a mesa estava sempre um grande vaso de prata cheio d'agua, do qual se deitava em um jarro, chamado na lingua portugueza *pucaro*, do feitio de uma urna antiga, d'altura d'um palmo, e feito de certo barro vermelho, subtilissimo e luzidio, que chamam *barro d'Estremoz*, pelo qual elrei bebeu seis vezes. Ahi estava tambem sempre uma salva de prata cheia de guardanapos, que se renovavam cada vez que elrei bebia ou mudava de prato. Comia depressa, e com a cabeça baixa, com pouca delicadeza. Um pagem posto atraz da cadeira lhe tinha entretanto a espada. Dez estavam de joelhos. Apesar de lhe assistirem muitos fidalgos, nunca disse palavra, nem olhou para nenhum, e levantando-se da mesa, retirou-se para a sua camera com passos velozes.

Depois de jantar o legado cavalgou em uma mulla, acompanhado dos prelados e de quinhentos cavalleiros portuguezes, e seguindo quasi uma milha ao longo da margem do rio foi apear-se á porta de um convento de freiras franciscanas, donde passou ao palacio da rainha D. Catharina, viuva de D. João 3.º, e irmaã de Carlos 5.º, avó do rei actual. Terá d'idade 60 annos ou mais, mas está bem conservada; é d'alta estatura, e de gentil aspecto. Estava vestida como a duqueza de Bragança viuva, de que já fallei. Achamo-la em pé n'um aposento desadornado, como o era todo o palacio. Deu só dois passos a receber o legado, com uma leve cortezia. Junto della estavam quatro matronas, e seis donzellas formosas e ricamente vestidas. Despedidos os prelados e mais pessoas começou a conversar com o legado em lingua hespanhola e em voz alta, por espaço de hora e meia, tendo-se ella assentado no chão e o legado defronte, em uma cadeira de couro, ambos sem docel, estando entretanto os prelados n'outro aposento, onde, por orgulho, ou por descuido, não havia cadeiras. Á partida do legado foram estes chamados dentro para cortejarem a rainha, o que fizeram pondo o joelho em terra, sem ella se mover, e quando o legado se despediu pôz-se em pé, mas não sahiu do seu logar, e apenas lhe fez uma leve inclinação de cabeça.

. . . . . .

Tendo anoitecido, acompanhados com vinte tochas adiante fomos ao palacio da infanta D. Maria, irmaã de D. João 3.º, a qual tendo ficado orphaã em tenra idade não quiz jámais casar, posto que fosse robusta, formosa, e procurada. Era alta, e teria d'idade 50 annos, posto que não pareça á primeira vista. Dizem que é a princeza mais rica da christandade, possuindo innumeraveis joias, e milhão e meio de bens patrimoniaes, que gasta com os pobres.

. . . . . .

Estava vestida a princeza com um vestido affogado de velludo preto com orla d'ouro, e botões d'ouro no colarinho, coifa de rêde d'ouro na cabeça, e uma corôa no braço de rubins e diamantes, que avaliámos em trezentos mil escudos. Esperava em pé pelo legado, n'um aposento forrado de pannos de Flandres de sêda e ouro, debaixo de um docel de brocado. Ajoelhou ao entrar de S. Exm.ª; e levantando-se veio recebe-lo á porta do quarto. Depois assentou-se no chão debaixo do docel, e o legado defronte della em uma cadeira de velludo cramezim franjada d'ouro. Estavam presentes quatro matronas, quatro damas, e tres donzellas não menos honestas que formosas, e similhantes ás tres Graças, duas vestidas de velludo preto, e a do meio de damasco branco, e todas cobertas de joias tanto no pescoço, como nas mangas, com coifas de fio d'ouro que lhe chegavam só a meia cabeça, e os cabellos bem assentados na frente, algum tanto crespos mas não entrançados. Depois de uma curta conversação, o legado voltou ao palacio.

. . . . . .

Esta capella [a dos paços d'Alcaçova] é de bom tamanho. Tem um S. Miguel expulsando Lucifer que é obra de mestre: está forrada de tapeçarias, uma das quaes representa ao natural elrei D. Manuel, rodeado do conselho dos grandes, quando resolveu mandar conquistar as Indias, que hoje chamam de Portugal. É de grande preço.

. . . . . .

Quando o legado voltou para a sua camera [depois da segunda visita de ceremonia a elrei na qual nada ha notavel] os administradores do thesouro real lhe levaram para ver uma sella de diversas peças, com os demais arreios, feita na India. O corpo della, ou assento, é de ouro e as orlas lavradas subtilissimamente. Está toda semeada de rubins, diamantes, perolas e outras joias similhantes. Dizem que vale novecentos mil escudos, e é peça só digna de um rei.

. . . . . .

Na segunda feira seguinte fomos ver o arsenal, ou armaria d'elrei, pegado com a praça principal, á beira do Tejo. Na verdade é cousa digna d'espanto! Compõe-se de tres grandes salas todas cheias. Os cossoletes que ahi ha são para 50:000 homens. N'outra que fica por cima estão lanças para outros; e n'outra morriões e arcabuzes para igual numero de soldados [os portuguezes dizem que são para 80:000] alem de 30:000 armaduras inteiras para cavallaria. Em baixo estão cem peças d'artilheria grossa, e cento cincoenta de artilheria miuda, bem que muitas destas se podiam contar entre as de grande calibre. As munições são abundantissimas, assim como os materiaes para a fabricação, nem nesta parte ha mais que desejar.

. . . . . .

Fomos tambem ver as cavalhariças reaes que estão junto a S. Domingos. Havia nellas duzentos ginetes todos excellentes, e tratados com grande estimação.

. . . . . .

[O cardeal tinha-se despedido d'elrei D. Sebastião. Segue-se a descripção da partida e da viagem para Castella atravez do Alemtejo, na qual nada ha novo ou notavel, digno de ser transcripto para estudo dos costumes daquella epocha.]

A. Herculano.

Dos instrumentos e animaes, proprios para a agricultura (*).

Depois das considerações sobre o methodo de lavrar, e sobre as differenças resultantes da natureza e qualidade dos terrenos, segue-se naturalmente apontar os instrumentos aratorios, e os animaes mais proprios para operar o lavor das terras.

Com effeito sem animaes, e sem instrumentos não

(*) Este artigo é proseguimento do que fica a pag. 332. deste vol.

ha agricultura possivel. Todos os povos tem imaginado, e confeccionado instrumentos adaptados a suas necessidades. Ha alguns annos a esta parte que a mechanica, e os aperfeiçoamentos das artes em geral tem enriquecido as nações agricultoras de instrumentos muito aperfeiçoados: entretanto nessas mesmas nações se reconhece que são ainda susceptiveis d'aperfeiçoamento. Que diremos do nosso paiz onde conservâmos afferradamente essas machinas pesadas, e difficeis de nossos antigos?

Entretanto não devemos levar nossa admiração pelos descobrimentos modernos até uma cega imitação de seus pomposos progressos: ahi a cultura é feita em grande, o rendimento das terras proveitoso e seguro, e o preço dos cereaes e dos mais productos agricolas póde cobrir esses maiores gastos e avanços da agricultura.

Os instrumentos tem por fim fazer produzir mais: porem se este mais não cobre a despeza é evidente que a cultura não é possivel. A regra pois no aperfeiçoamento dos instrumentos agricolas deve ser, *fazer melhor e mais barato*. Nesta barateza mettemos o ganho do tempo, e a economia de força: assim que, o instrumento que fizer melhor seu officio no menor tempo possivel, e com o menor emprego da força, será indubitavelmente digno de ser adoptado.

Para os que quizerem profundar esta materia, e ver até onde tem chegado os inventos modernos, e até o luxo deste genero, podem consultar a obra de Mr. de Lasterie, sabio agronomo francez, que fez uma descripção completa de todos os instrumentos da agricultura em geral nos diversos paizes da Europa.

Não só os instrumentos aratorios tem sido levados a uma variedade de forma quasi infinita, mas até se hão inventado machinas de differentes misteres e funcções na agricultura. Entretanto hoje os escriptores modernos mesmo tem precavido os cultivadores para desconfiarem dellas, porque são mui dispendiosas e d'uma apparencia falláz. As machinas differem em geral dos instrumentos, em que são estacionarias e de uma construcção complicada. Tem-se calculado que as machinas não convem ao agricultor senão quando operam uma economia de quarenta por cento.

A nomenclatura só dos instrumentos agrarios annunciada pelos escriptores estrangeiros desalenta: contam-se até onze ou doze daquelles que se devem empregar na lavoura cereal: nós estamos persuadidos que este luxo d'utensís não convem á nossa frugalidade, e parcimoniosa colheita, e por isso os omittimos aqui. Os nossos lavradores fazem isso tudo com o arado, ou charrua mais ou menos larga e profunda, com a enxada para esterroar, e com a grade de páu e de ferro para cobrir o grão e limpar as raizes, e más hervas; quando muito accrescentam o encinho para juntar estas em monticulos que queimam ao pé mesmo da sementeira. Aqui, como no mais, fica muito á prudencia do lavrador para lavrar segundo a qualidade da terra, e a especie da semente, profundar mais ou menos o rego, e distribuir o campo em margens para o enxugo da sementeira, e facilidade da cegada.

Quanto aos animaes mais adequados para a lavrada, os bois e cavallos se empregam indistinctamente para puxar a charrua. N'aquellas provincias em que a falta de pastagens frescas torna mais rara a creaçam vaccum, preferem a raça cavallar para isso: nós até já vimos pobres jumentos puxando o arado nas terras do alto Alemtejo. Entretanto hoje é reconhecido pelo raciocinio e pela pratica que os bois são indubitavelmente preferiveis. Eis-aqui as rasões.

1.ª O seu entretenimento e sustento é muito menos dispendioso; basta não precisarem de ração em grão ou em farinha, e comerem palha grossa e de milho, nabos e outros vegetaes, que a raça cavallar não come, ou que lhe seria nociva.

2.ª O cavallo, esgotadas as forças pelo trabalho, quasi não tem valor: o boi pelo contrario se repousa, e engorda para o açougue por um preço muitas vezes crescido.

3.ª O boi é menos delicado, e por isso menos sujeito a enfermidades do que o cavallo.

4.ª Finalmente porque o emprego dos bois promove a creação e a abundancia de carnes que hoje constitue o principal alimento europeu, e isto a um preço baixo. Na França onde o costume ou a rotina tem conservado o uso cavallar para a lavoura, se importa do estrangeiro um numero dispendiosissimo de gado vaccum para o açougue.

O cavallo é verdade trabalha mais ligeiro, e é ordinariamente mais habil do que o boi; mas alem dos inconvenientes acima, exige, para ser d'alguma duração, proporções fortes no corpo; e ao mesmo deve ter uma certa vivacidade de movimentos.

O gado vaccum é de tal preponderancia e utilidade que na provincia do Minho é elle quasi o unico lucro que fica ao lavrador.

O PORCO-ESPINHO.

As substancias que formam a capa, fôrro, ou cobertura dos animaes, postoque variamente modificadas, podem na generalidade referir-se a tres primitivos typos, isto é, pello ou cabello, pennas, e escamas: por isso nos admirâmos quando vemos vestida fóra desta regra alguma tribu de animaes, pequena em numero, ou pouco importante pelo seu logar na escala dos viventes e pelos seus habitos e destinos. Uma dessas excepções é o armadilho ou tatú, do qual demos noticia e desenho a pag. 284 do vol. 2.º da 1.ª serie, citando por essa occasião uma observação exacta do insigne historiador da natureza: é outra o porco-espinho ou espim, representado na vinhêta anteposta a estas poucas linhas. É este animal defendido contra hostis acommettimentos de outros mais poderosos por uma armadura de espinhos bastos e erriçados, á maneira do pequeno ouriço cacheiro de nossa terra e de todo o sul da Europa: postoque muito mais avultado seja do que este em tamanho, e pertença a dife-

rente ordem natural, a dos roedores *(rodentia)*. Segundo informa Agricola, naturalisou-se no territorio de Napoles e na parte meridional dos Estados do Papa, provindo da Africa ou da India; sem que saibamos porque o trouxeram, pois que é incapaz de domesticidade. Está provado que nesta acclimatação algum tanto se bastardeou, visto que os da Africa tem mais longos e vigorosos os espinhos. — São os maiores animaes da ordem dos roedores, medindo quatro palmos e ás vezes mais de comprimento desde o focinho até a cauda. O seu aspecto é tristonho e desagradavel: tem os olhos extremamente pequenos, as ventas juntas e o focinho rombo. Fóra os espinhos, o corpo é provído de duas castas de cabello; umas sedas compridas e arrepiadas, e um pello crespo e lanudo: as sedas revestem a cabeça e o pescoço, e o animal goza a faculdade de as erriçar como os espinhos; porem estes ultimos são as suas boas armas defensivas, maiores e mais rijos os das costas, e tendo a estructura de canos de pennas que vão adelgaçando até rematar em ponta dura e aguçada. — Contou-se que os porcos-espinhos tinham a propriedade d'arremeçar estas armas osseas, despedindo-as soltas do corpo contra seus inimigos; é porem fabula, como outras que temos refutado tratando da historia natural de outros individuos.

Os habitos do porco-espim são pacificos e solitarios: foge do povoado e procura ermos de chão secco, pedregoso e exposto aos sues, para fabricar a sua toca: para poder bem excavar são mui proprios os seus membros curtos e reforçados, e as unhas fortes: faz o covil bastante fundo e com duas ou tres sahidas. No seu retiro hyberna (*) durante os mezes mais frios, mas não em tão profunda lethargia, como outras especies; no primeiro dia bonito da primavera já anda desperto buscando alimento. Timido em extremo não larga a toca de dia, e só demanda a comida desde o crepusculo da tarde até o nascer do sol. Mal vem cahindo as sombras, cauteloso chega á bocca do buraco e olha para todos os lados se irá seguro; nunca se aventura a sahir se dá fé de algum perigo. Quando no caminho é attacado sem o esperar, forceja por alcançar o covil, mas se lhe não é possivel acoutar-se ennovela-se como o ouriço, resguardando a cabeça, e appresenta em redondo os espinhos erriçados. Pelo cuidado com que trata de livrar a cabeça, parece que della se não póde servir na defesa: ha comtudo poucos animaes que mordam mais asperamente e causem feridas mais fundas e perigosas: para se avaliar o vigor da sua dentuça observem os esforços que põe em pratica para evadir-se quando captivo: tabuas grossas e compactas cedem ao seu continuo roer, nem varões de ferro são sufficientes para o guardar: por isso a gaiola para o conservar preso hade ser forrada de boa folha de lata. Tem os sentidos grosseiros, á excepção do olfacto: sustenta-se de raizes, fructos, e folhagem tenra.

As forças ordinarias e a industria dos animaes de mediocre grandeza e proporcionada valentia são geralmente baldadas contra a armadura do porco-espinho; pelo que tem poucos inimigos terriveis, á excepção do homem ao qual agradou a carne deste animal e por isso lhe dá caça para satisfazer o paladar. — Nos mercados de Roma ha commummente á venda porcos-espinhos, para serem immolados á gula.

No Brasil, e restante da America-meridional, abunda uma especie de porco-espinho, chamado Coandú *(histrix prehensilis)*, que differe do outro, europeu e africano *(histrix cristata)* por ter um rabo comprido e pontudo, cheio d'espinhos até o meio, como por todo o corpo: com esta cauda se prende ás arvores e se dependura, pelo que lhe pozeram o nome de especie *prehensilis, que agarra*. É animal gordo, e de carne branca, que dizem ser boa comida sendo assada.

(*) Diz-se hybernação o estado em que certos animaes passam o inverno em suas tocas entorpecidos e dormentes.

GONÇALO HERMIGUES, O TRAGA-MOUROS.

Romance Historico (*).

«Senhor rei Affonso Henriques,
»Em paz não posso quedar:
«Guerra, guerra aos infieis,
«Morte honrosa ou triumphar.
«Minha espada na bainha
«Já começa a enferrujar:
«Quero em peitos d'aço fino
«A dura folha limpar.
«De meu padre, o Lutador,
«A memoria quero honrar:
«Sua morte aos de Mafoma
«Mortes mil hade custar.
«Doces aguas do Mondego
«Já não quero mais gostar:
«Quero alem d'aguas do Tejo
«Sêde de sangue fartar.
«Trovador posso na lyra
«D'amores brando cantar:
«Guerreiro posso na guerra
«Brados de morte soltar.
«Saráus de minha rainha
«Agora quero deixar:
«Que a rainha mais as damas
«Tal me queiram perdoar.
«Senhor rei Affonso Henriques,
«Quero m'ir a batalhar:
«Guerra, guerra aos infieis,
«Morte honrosa ou triumphar.»

Hermigues, o traga-mouros,
Desta sorte ao rei fallava;
Odio antigo á maura gente
Mal no peito refreava,
E o real consentimento
De partir só aguardava.
Não lho nega o rei pod'roso,
Só lhe pena alli ficar-se:
Que mal póde em tal ensejo
De Coimbra desviar-se.
Mal peccado! em guerras novas
De louros não vai c'roar-se.
Mas em quanto dorme a espada
Tinta em sangue na bainha,
As balanças da justiça
Na dextra firme sustinha.
Quem justiça implora afflicto,
Justiça recebe azinha.
Mas Gonçalo amigos fortes
Já na empreza associava;
Não por dividir seus p'rigos,
Que só sempre os debellava;
Mas por dividir c'os socios
Alta gloria, que buscava.
Accordaram cautelosos
Diversas vias tomar,
Que em Lisboa os reunissem
Sem suspeitas motivar:
Ir depois do Sado ás aguas
Ondas de sangue juntar.

Já cavalgam ginetes fogosos,
Já galopam calada a viseira,
Perdem brilho arnezes lustrosos
Entre as nuvens da leve poeira.

Trema Alcacer-do-Sal descuidada,
Trema o mouro qu'em paz a recreia,
Trema, trema, que a lança enristada
Vai d'Hermigues, que a raiva saltêa.

(*) Chronica de Cister liv. 6.º cap. 1.º

Já Coimbra lá deixam distante,
E o Mondego tão ledo e amoroso;
D'algum peito de ferro brilhante
Um suspiro se escapa saudoso.
Ora trota, e galopa a companha,
Ora quebra a carreira affanosa;
Qual pratica em sublime façanha,
Qual na dama tão qu'rida e formosa.
Este conta que fôra cruzado
Quebrar lanças por gloria de Christo,
Que turbantes lá tinha abolado,
Quantas mouras formosas ha visto.
Outro canta rimances donosos,
Que celebram das justas a sorte,
Gentilezas d'infanções briosos
Que não sabem ferir sem dar morte.
Mas a espaços por vias diff'rentes
Uns dos outros se vão separando,
Apertando-se as dextras valentes
«Por Affonso!» se partem bradando.
Trema Alcacer-do-Sal descuidada,
Trema o mouro, qu'em paz se recreia:
Trema, trema que a lança enristada
Vai do luso, que a raiva saltêa.

II.

Festival, risonha noute
Do Baptista São João,
Rugosas velhas te durmam,
Que as moças.. não dormem, não!
Nem te dormirão mancebos
Christãos, ou mouros, jámais;
Que as crenças do coração
São crenças universaes.
Casando em doce harmonia
Puro amor, e devoção,
Reunes ás preces d'alma
Suspiros do coração.
Em saráus as damas folgam
Nos paços d'ouro luzentes:
Frescas donzellas dos campos
Nos campos folgam contentes.
Deixa o forte cavalleiro
Capacete, lança, espada:
Em vez de couraça ao peito
O peito cinge da amada.
Tudo é riso, tudo festa,
Tudo amor, tudo ledice:
Saudades se alli semêam,
Que florejam na velhice.
Festival risonha noute
Do Baptista São João:
Rugosas velhas te durmam,
Que as moças.. não dormem.. não.
Em campos da bella Alcacer
Vai grande tumultuar:
Sem temer-se dos de Christo
Os netos folgam d'Agar.
Corre o Sado manso e liso,
Leda a noute em mais de meia
Sobre as aguas espelhadas
Reverbera a lua-cheia.
As ondas dormem cançadas
Do contínuo pelejar;
Porem já centos de remos
Começam de as acordar.
Os oraculos fallazes
Ledas mouras já ouviram,
E a muitas os corações
Lhes disseram que mentiram.
Em batéis leves se embarcam
De lindos festões ornadas:
Rudes mãos de cavalleiros
Apertam mãos delicadas.
Alguns vão com seus amores
N'um mui terno praticar:
Outros em trovas mouriscas
Victorias a celebrar.
Mil fogueiras pelas praias
Transformam a noute em dia;
Nas azas sobem das brisas
Mil cantares d'alegria.
Os tangidos anafiles
Resoam de toda a parte:
Atabales, e trombetas
Semelham jogos de Marte.
Nos jardins as mouras nobres
Com grave ademan passêam,
Suas tranças graciosas
De finas pedras se arreiam.
E alguma nobre e donzella,
Colhe a furto flôr mimosa;
E ao novo amante risonha
Córando lh'entrega a rosa.
Mas já vão fugindo as horas
As fogueiras apagando:
Arrebóis da madrugada
Já no céu vem fulgurando.
E ainda sôam cantares,
E tangeres d'alegria;
Que a noute de São João
Largas horas rouba ao dia.
Em campos da bella Alcacer
Vai grande tumultuar,
Sem temer-se dos de Christo
Os netos folgam d'Agar.
Por Affonso, e Santiago!...
Estrugem gritos de morte,
Guerreiras tubas atroam
Christãos! Christãos!.. triste sorte!
E as espadas já cortavam
Pelo mouro descuidado:
Cabeças rolam nas praias,
De sangue se tinge o Sado.
Em medonha confusão
Fogem uns, que outros empecem:
Combatem mouros guerreiros,
Crianças, virgens perecem.
Atropellados corriam
D'Alcacer ás ferreas portas
Velhos pallidos de susto,
E as donzellas quasi mortas.
Aos bêrços dos filhos caros
As mãis desgrenhadas vôam,
Como as aves a seus ninhos
Se os trovões medonhos trôam.
Abrigando-se aos amantes,
Que as defendem mal armados
Donzellas morrem, quaes morrem,
Era, e freixo fulminados.
Mas o forte Traga-Mouros
Mouros mil ia tragando;
Por vingar seu morto padre
De sangue a sêde fartando.
Não d'outr'arte as ovelhinhas,
Que escondido atalaiava,
Devora o lobo saltando
Com raiva sanguinea e brava.
Em luto se trocam prestes
Prazeres, e devaneio;
Folguedos, ledos cantares,
Em gemer horrido, e feio.
Infeliz de quem confia
No falso sorrir da sorte:
Branca nuvem cospe um raio,
Manso o mar tambem dá morte.

III.

Sobre os rôxos horisontes
Já se o sol alevantou;
Mas ao ver do Sado as margens
N'uma nuvem se occultou.
Lagos de sangue nas praias,
Mil cabeças decepadas;
Umas tem ricos turbantes,
Outras grinaldas murchadas.
A celeuma do combate
Pouco, e pouco se abafára,
E os despojos sanguinosos
Colhêra cobiça avára.
A trombeta dos christãos
Já tocára a retirar:
Vão nas barcas, que os aguardam,
Os captivos embarcar.
Entre as alas vencedoras
Com duros ferros ligados,
Os mouros se vão raivando
D'inutil furor tomados.
E as donzellas prisioneiras
Mal tremendo caminhavam:
Tristes lagrimas de sangue
Viçosos rostos murchavam.
A mais bella d'entre as bellas,
Que Fatima se dizia,
Soluçava tão sentida
Que uma fera abrandaría.
D'Hermigues o coração
Mal que a viu estremeceu:
O pranto mudar-lhe em risos
Foi todo o desejo seu.
Da captiva foi captivo,
Pois amor o captivou:
Brando chôro d'uma moura
Alma de ferro domou.
Entre as bravas asperezas
Da serra mais escabrosa
Ás vezes brota risonha
Solitaria flôr mimosa.
Chegados que são á praia
Começam de se embarcar:
« Adeus terra de meu bêrço
« Que n'outra me vou finar.» —
Muitas barcas já navegam
De captivos carregadas:
Ás barcas se arrastam outros
Com as esperanças acabadas.
D'improviso um brado sôa,
De corceis um tropear:

Mouros são, que vem d'Alcacer
A fortuna inda tentar.
Mas Hermigues manda logo
Que as barcas remem ligeiras;
Por poupar seus cavalleiros
Deixa algumas prisioneiras.
Entretanto mouros correm
Pela praia pressurosos;
E as captivas vão levando
Sobre os ginetes fogosos.
Vendo a sorte das que ficam
Rompem tristes alaridos
As que embalde auxilio pedem
Nos barcos, que vão seguidos.
E Fatima? onde está ella?
Por nobre mouro é levada:
Hermigues, que a vê fugindo,
Dá d'esporas, brande a espada.
Qual pelas nuvens o raio,
Por entre os mouros rompia;
Antes vidas mil perdêra
Que a virgem por quem morria.
Voando que não correndo,
Estende a espada, ora a lança:
Corre.. corre.. ardendo em raiva
Quasi.. quasi.. o mouro alcança.
Vai perto.. lá fere.. agora
Morto o imigo derribou;
E nos braços desmaiada
A linda moura tomou.
Cahe no inferno alma descrente
Por seus erros condemnada,
Deixando de si liberta
Alma aos céus predestinada.
Hermigues volve o ginete,
Não pára, prosegue ávante:
Golpes de morte vibrando
A moura defende ovante.
Vendo os fins de seu desejo
Caminho segue d'Almada:
« Hermigues, como vais ledo
« Bemfadou-te boa fada! » —

IV.

— Que alegria vai no Tejo!.
— Tantas barcas, d'onde vem?
« D'Alcacer c'os vencedores
« Remando p'ra Santarem. »
Trophéus, louros, e captivos
Vão-se aos pés do rei prostrar;
Que alli veio de Coimbra
Seus guerreiros aguardar.
Alem vai Gonçalo Hermigues
N'uma barca engrinaldada;
Por premio de seus triumphos
Só traz moura muito amada.
A linda moura vai triste
Reclinada sobre a mão:
Por ver-lhe no labio um riso
Déra elle o coração.
Tangia no alaúde
Canções de muita ternura,
Por banir do rosto á moura
Densa nuvem de tristura.
« Estrella, que eu vi brilhando
« Entre horrores da procella,
« De teu pranto rociada,
« Mais que aurora és sempre bella.
« Moura minha muito amada,
« Se tu fôras baptisada?... »
Nem Fatima abria os labios,
Nem a fronte alevantava:
Os lindos olhos pisados
Nas aguas triste fitava.
E o trovador suspirando
Mui terno continuava.
« Minha dextra fôra tua,
« Pois que é teu meu coração:
« Neste mundo mil delicias,
« Lá no outro a salvação.
« Moura minha muito amada,
« Queres tu ser baptisada?..
« Em patria, que não é tua,
« Moura angustias só terías;
« Christaã, patria carinhosa,
« Só venturas, e alegrias.
« Moura minha muito amada
« Queres tu ser baptisada?..
« Não desprezos de captiva
« Na indigencia te dariam;
« Luzimentos de princeza,
« Em palacios teus seriam.
« Moura minha muito amada,
« Queres tu ser baptisada?..
« Na côrte, por minha esposa,
« Que respeitos que terias!..
« Da rainha em paços d'ouro
« Que alegres saráus verias!..
« Moura minha muito amada
« Queres tu ser baptisada?..
« Minha espada, minha lyra
« A ti só consagrarei:
« Nos combates, ou nas trovas
« Só teu nome invocarei.
« Moura minha muito amada
« Queres tu ser baptisada?..
« Sempre unidos, sempre amantes
« Venturosos viveremos:
« Deixando lições d'amores
« Invejados morreremos.
« Moura minha muito amada,
« Sê christaã, sê baptisada. »
E a donzella erguendo o rosto
Com ternura suspirou:
Meigo olhar por entre o pranto
No cavalleiro fitou:
E a tanto extremo rendida
Em seus braços se lançou.

V.

E a moura fez-se christaã,
Desposou-a o cavalleiro:
Oriana foi chamada
Quem Fatima era primeiro.
Unidos viveram sempre
Té que a morte os separou,
Quando a esposa tão querida
Ao triste Hermigues roubou.
N'um mosteiro que fundára (::)
Solitario foi gemer:
Vivendo vida de monge
Foi de santo o seu morrer.

A. M. do Couto Monteiro.

(::) O mosteiro de Santa Maria dos Tamarães, da filiação de Alcobaça. — Chronica de Cister pag. 714.

ANECDOTAS.

APEANDO-SE D. Diogo de Almeida, grão prior do Crato, de uma mulla á porta do paço, lh'a pediu emprestada certo fidalgo que descia, para se pôr em casa. O D. prior que sabia muito bem, que elle era costumado a calotear, e a não restituir o que se lhe emprestava, disse-lhe: — Leve-a V. Ex.ª, mas deixe-m'a abraçar primeiro, porque não sei se a verei mais.

FRANCISCO 1.º, memorado na historia pela perda da batalha de Pavia, na qual cahiu prisioneiro de Carlos 5.º, zombando um dia de uma senhora que fôra mui formosa, e começava já a sentir o estrago que na belleza fazem os annos, lhe disse — Senhora, que tempo ha que vos apartastes do paiz da formosura? — Senhor, respondeu ella, saiba V. M. que o fiz no mesmo dia em que V. M. se apartou de Pavia.

ENTRANDO um taful pouco escrupuloso em uma loja de capella para comprar umas meias de seda, em quanto o capellista mostrava fazendas a outro freguez, escondeu o comprador um par na algibeira, mas não com tanta destreza que o capellista o não visse. Este disfarçou, porem não querendo vexar o taful na presença da mais gente que alli se achava, ao irem-se os freguezes, o chamou de parte, e disse-lhe: — Senhor, as meias não se podem dar pelo diminuto preço porque V. S.ª as quer. — Nesse caso; respondeu o taful, tirando-as da algibeira — ahi as tem, que me não servem por mais.

PERGUNTARAM ao duque d'Alva, que lhe parecia certo grande d'Hespanha, que nas desintelligencias d'elrei Henrique 4.º com seu irmão D. Affonso vacillava em um e outro partido? O duque rindo respondeu — esse fidalgo é como cão de estalajadeiro, que ladra aos de fóra, e morde os de dentro.

VISITANDO na côrte de Roma o conde de Cifuentes, embaixador do imperador Carlos 5.º, a D. Henrique de Menezes, embaixador de Portugal, lhe perguntou, qual seria a rasão porque os castelhanos se engrandeciam sempre uns aos outros, e a sua

terra; e que os portuguezes pelo contrario nem os seus, nem a sua terra? — A rasão é mui simples, disse D. Henrique; é porque uns e outros gostam de mentir.

Manuel de Goes foi um grande medico do Algarve; veio a esta côrte, e achando-se em casa d'um fidalgo doente, entrou o duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, mui inclinado á medicina, e fallou largamente das causas da molestia discursando sobre ella, e nos remedios que lhe eram adquados, o que ouvindo Goes, disse: — V. Ex.ª para duque sabe muita medicina, para medico muito pouca.

Anecdotas de historia portugueza.

Conta Fernão Lopes na chronica d'elrei D. João 1.º que havendo-se retirado clandestinamente de Lisboa a rainha D. Leonor Telles na noite que se seguiu á morte do conde Andeiro, levando comsigo a côrte, e maldizendo o povo da capital que abertamente se declarava contra o partido castelhano, ficaram turbados e pensativos os homens avisados e prudentes em Lisboa, como quem estava vendo o principio d'uma grande borrasca, e a incerteza do seu evento, pela complicação das circumstancias. Os anciões graves e experimentados fazendo boa continencia ao enthusiasmo dos patriotas, cujos briosos sentimentos quinhoavam, não deixavam comtudo de conferir e concertar entre si algum bom arbitrio que compozesse, e serenasse a tormenta. O ponto estava em livrar do jugo castelhano; e porque a rainha parecia a alma daquelle partido para se conservar na regencia, procuraram aparta-la daquella parcialidade, e para isso offereciam-lhe uma especie d'engôdo tentador, qual era casar com D. João, mestre d'Aviz, mancebo de 24 annos, filho de rei, e homem tão denodado e cavalleiro quanto os successos recentes proclamavam.

Para emmissarios desta proposta foram eleitos o velho Alvaro Paes, o Nestor desta grande coalisão nacional, [aquelle mesmo de quem tomou nome a torre ha pouco acabada de demolir no largo de S. Roque], e o prior do hospital, Alvaro Gonçalves Camello. Chegados a Alemquer, e appresentados á rainha, della foram recebidos, agazalhados, e tractados magnificamente, porque pela superioridade de espirito, e pela politica dirigia então todas suas acções; e sem acceitar nem regeitar a mensagem que aborrecia de morte foi, entretanto, procurando dispôr os emmissarios em seu beneficio por meio de considerações de necessidades e conveniencias que na conjunctura não falleciam.

Não se descuidavam do seu lado os cortezãos que alli rodeavam a rainha de enredar no mesmo sentido: desarmar as furias populares, e tirar-lhes o apoio e o conselho dos homens preponderantes, era o empenho e o alvo de todos os conluios e negociações claras e occultas, que se cruzavam sem descontinuar naquellas oito leguas d'Alemquer a Lisboa. Mas, honra seja feita aos nobres e generosos sentimentos do povo lisbonense, que nenhumas considerações, nem a carranca do poder castelhano, nem o risco quasi certo de suas vidas e de sua fazenda, os fez titubear na sua magnanima resolução! Succedeu que, durante aquella entrevista primeira dos dois commissarios com a rainha D. Leonor em Alemquer, ficasse esperando no vestibulo do castello um escudeiro casado em Lisboa, que fôra na comitiva daquelles; ao qual conhecendo o conde D. João Affonso Tello, irmão da rainha, que ahi estava, chamou-o de parte, e disse-lhe: — Bem vedes, honrado escudeiro, o estado das cousas; Castella é contra Portugal, e Portugal contra si mesmo [alludindo á divisão de vontades, e á anarchia que já lavrava]; e sandice parece que dois levantados çapateiros e outros tantos alfaiates queiram por seu alvedrio tomar o Mestre por senhor. Assim que, por segurança ao menos de vossas pessoas deixai a cidade, e vinde para nós. — Ao que o escudeiro, depois de meditar um instante sobre as reflexões do conde, respondeu: « *Vedes vós? Quando cá estou e respiro estes ares parece-me que tudo é assim como vós dizeis; e depois que sou em Lisboa assemelha-se-me que todos vós não valeis nada, e que quanto me fallais tudo é vento.* »

O supracitado Fernão Lopes, referindo a confusão que fazia no animo do mestre d'Aviz, depois de nomeado regedor e defensor do reino, o encontrado parecer dos conselheiros sobre as difficuldades da epocha, e as exigencias e pertenções de muitos, que segundo o costume pediam desatinadamente mercês, conta que o prudente Alvaro Paes lhe dissera: — Senhor, dar-vos-hei um conselho que vos deve ser de grande ajuda para levar, prazendo a Deus, vosso feito por diante; — *dai aquillo que vosso não é; promettei o que não tendes; e pordoai a quem vos não errou* (*). O mestre o fez assim, pois dava os bens, em todolos logares que por elle tinham voz, das pessoas que sabia tinham ido para Castella; e nas cartas de mercê mandava escrever: « Por quanto fulano anda em nosso desserviço com D. João que se chama rei de Castella, &c. » E promettia officios e terras e outras cousas nos logares que não tinha, e de que havia esperança de cobrar ao diante. E perdoava as mortes e maleficios a quantos lh'o requeriam, com tanto que não fosse traição ou aleivosia, ou anteriores ao primeiro dia de dezembro da era de 1421, em que foi morto o conde Andeiro. —

Espelho ustorio debaixo d'agua.

Um engenheiro, que se achava empregado por conta do governo inglez em grandes trabalhos e emprezas importantes, chamado Makintosh, descendo um dia em um sino de mergulhar, com os obreiros mergulhadores perto de Plymouth, percebeu, que, na profundidade de 25 pés, debaixo d'agua, o bonnét d'um delles lançava fumo. Passando pois a examinar a causa deste phenomeno, reconheceu com certo espanto, que os raios solares, vindo convergentes, e atravessando uma das lentes, que davam luz, obravam como atravéz d'um espelho ardente. Esta descoberta trouxe outras; porque os obreiros disseram a Mr. Makintosh, que o mesmo accidente lhes tinha muitas vezes acontecido, durante os dias de grande calor, e effectivamente elle notou sobre muitos pontos dos vestidos delles buracos da mesma maneira, como aquelle que acabava de lhe apparecer no bonnét. Desde então os obreiros tomaram a precaução de não se exporem mais aos mesmos accidentes.

(*) Isto é: — *a quem vos não trocou por outro soberano.*